



LIFE WITH FATHER / 1947

A Culpa é do Papá

um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz **Argumento:** Donald Ogden Stewart, baseado no livro *Life with Father*, 1935, de Clarence Day, e na sua adaptação teatral por Howard Lindsay e Russel Crouse **Fotografia:** William V. Skall, J. Peverell Marley **Som:** David Forrest **Montagem:** George Amy **Diretor artístico:** Anton Grot **Música:** Max Steiner **Interpretação:** William Powell (Clarence Day, Sr.), Irene Dunne (Vinnie Day), Elizabeth Taylor (Mary Skinner), Edmund Gwenn (Rev. Dr. Lloyd), Zasu Pitts (prima Cora Cartwright), Jimmy Lydon (Clarence Day Jr.), Emma Dunn (Margaret, cozinheira), Moroni Olsen (Dr. Humphries), Elisabeth Risdon (Mrs. Whitehead), Martin Milner (John Day), Johnny Calkins (Whitney Day), Derek Scott (Harlan Day), Heather Wilde (Annie, primeira criada), Mary Field (terceira criada), Monte Blue (polícia), Queenie Leonard (Maggie, quarta criada), Nancy Evans (Delia, segunda criada), Clara Blandick (Miss Wiggins, agente da agência de criadas), Frank Elliott (Dr. Somers) **Produção:** Warner Bros. (Estados Unidos da América) **Produtor:** Robert Buckner **Cópia:** em DCP, cor (suporte original em 35mm, Technicolor), falada em inglês, legendada eletronicamente em português **Duração:** 118 minutos **Estreia mundial:** 13 de setembro de 1947, Estados Unidos **Estreia em Portugal:** 3 de janeiro de 1949, Cinema Tivoli. Primeira apresentação na Cinemateca.



LIFE WITH FATHER- filme corresponde a um dos maiores sucessos da Broadway. Estreada em 1939, a peça ficaria oito anos em cartaz, adaptando-a Michael Curtiz ao cinema depois de ter deixado os palcos. A peça, da autoria de Howard Lindsay e Russel Crouse, partia de um livro autobiográfico de Clarence Day, conhecido escritor norte-americano e colaborador da revista *The New Yorker*. O livro, escrito em 1935, teve tradução e edição portuguesa com o título *Um Pai à Moda Antiga*, que faz mais jus ao espírito do texto original, do que o título português do filme, A CULPA É DO PAPÁ, que lhe foi dado à data da estreia no Cinema Tivoli em 1949. Clarence Day, o autor do livro, era filho de um corretor de Wall Street e *Life with Father* inscreve-se entre dois outros livros de teor igualmente biográfico, *God and My Father*, de 1932, e *Life with Mother*, de 1936. Trilogia inspirada nas suas próprias experiências

familiares que retratava de um modo um pouco satírico uma determinada condição de vida na era vitoriana, que lhe valeria o reconhecimento público.

O filme de Curtiz narra com humor a vida de uma família na Nova Iorque em 1883, que responde a um pai autoritário e irascível com a obsessão de tudo controlar, mas que frequentemente é desarmado pela sua mulher, que acaba por ser quem gere verdadeiramente os destinos da família Day. Inspirando-se na figura do pai de Clarence Day, o tal corretor da bolsa, é curioso percebermos que, no filme, Clarence é o nome do protagonista da história e do seu filho (Clarence Júnior). As imagens estereoscópicas do início dão-nos a atmosfera geral de finais do século XIX, em que nas vistas citadinas predominam as carroças que ocupavam as estradas largas de uma grande metrópole como Nova Iorque. Mas de Nova Iorque vimos muito pouco, dado tratar-se de um filme concentrado num espaço interior, a casa da família Day.

LIFE WITH FATHER revela a versatilidade de Curtiz com os “géneros”. Entre as muitas dezenas de obras que realizou, “as comédias familiares” são raras. Da mesma forma, as “comédias ligeiras” sobre os “valores familiares” também eram raras no universo da Warner neste período. Sendo este um dos filmes de Curtiz mais lembrados do pós-guerra, é interessante esta aposta no “humor gentil do guião”, como referem Roy Kinnard e R. J. Vitone na sua monografia sobre Curtiz, e o escasso recurso às suas “imagens de marca”. Ao longo dos anos, a crítica dividiu-se entre aqueles que consideram LIFE WITH FATHER como a melhor comédia do cineasta, e aqueles que viram o filme como demasiado esquemático no modo como adaptou a sucessão de “gags” da peça, que nesta, enquanto arte do palco, funcionariam melhor. Uma das condições para a realização do filme era precisamente ser fiel à peça e ter como consultores os seus dramaturgos. O argumento de Donald Ogden Stewart focou-se assim nas linhas narrativas mais soltas do texto teatral quando comparado com o livro, entre as quais a tentativa do Sr. Day de encontrar uma nova empregada depois de maltratar as restantes, o romance entre o seu filho mais velho e a jovem visitante, o pequeno negócio dos rapazes, ou o esforço da família para que o pai fosse batizado.

A temporada de oito anos da peça nos palcos e um recorde de mais de 3000 apresentações terá levado Jack L. Warner a pagar uma quantia extremamente elevada pelos direitos do filme. LIFE WITH FATHER seria o maior êxito de bilheteira da Warner Brothers nesse ano de 1947, recebendo quatro nomeações para os Óscares, incluindo a de Melhor Actor para William Powell e o de Melhor Composição Musical para Max Steiner. Powell é perfeito no papel do patriarca severo que procura administrar a casa da família da mesma forma que administra os seus negócios. O mesmo elogio pode ser estendido a Irene Dunne, que é Vinnie, aquela que pacientemente aguenta as saídas e as explosões de raiva do marido e assume os destinos da casa e dos seus filhos (todos eles rapazes “ruivos”). Powell foi uma primeira escolha, pelo que a Warner Bros. pediu-o “emprestado” à MGM para realização de tal papel (Taylor também o foi). Mais complicado foi o papel de Vinnie. Várias atrizes foram consideradas, incluindo Mary Pickford, que queria regressar aos ecrãs, e Bette Davis, a escolha inicial do estúdio, mas que não foi aprovada pelos autores da peça, que não a achavam a mais indicada para esta “comédia”. A escolha recaiu assim sobre Irene Dunne que, segundo se conta, não adoraria o papel, mas aceitou, percebendo que o filme teria uma boa receção, o que realmente aconteceu. Mas há ainda Elizabeth Taylor que, ainda muito jovem, se destaca pela sua extraordinária presença.

Se se trata de uma comédia com momentos muito divertidos e em que o retrato da personagem do pai e da sua personalidade surge sempre envolto numa certa ironia, remetendo para um desajuste e uma desadequação de Clarence face à sua família e face a um tempo que lhe será contemporâneo, é curioso notar como em 1947 o conhecido crítico e escritor James Agee escreveu sobre o filme no *The Nation*: “Rico, cuidadoso, bastante eficaz. Divertido, suponho; mas não consigo realmente gostar de rir de tiranos, muito menos de tiranos que são perdoados pela sua inocência.”